

Setúbal | Muralha do Castelo de Alcácer recuperada com técnica antiga de taipa

written by O Cidadão | 14 de Maio, 2026



A muralha sul do Castelo de Alcácer do Sal está a ser **recuperada com taipa, técnica ancestral que utiliza terra e cal**, numa intervenção que revela os desafios de conservar um monumento nacional com séculos de história.

A obra, no valor de **1,2 milhões de euros** e financiada pelo Plano de Recuperação e Resiliência (PRR), arrancou em setembro de 2025 e tem **conclusão prevista para julho** deste ano, de acordo com dados fornecidos à agência Lusa pelo Património Cultural – Instituto Público (IP)

A empreitada incide sobre **quatro troços da muralha**, situados sobre aquela cidade e o Rio Sado, no distrito de Setúbal, e pretende **consolidar a estrutura, repor elementos em falta e melhorar a drenagem das águas superficiais**.

Numa visita aos bastidores da obra, entre taipais de madeira, Miguel Rocha, da equipa projetista de arquitetura, explicou à agência Lusa que a particularidade desta empreitada está no **uso da taipa na construção original da muralha**.

“Não é tão diferente como as outras obras em património. O que é diferente é a técnica específica de construção, que é uma técnica muito pouco conhecida”, sublinhou Miguel Rocha, que é especialista em construção com taipa.

A opção pela taipa é também defendida por Ângelo Silveira, responsável do instituto Património Cultural, uma vez que respeita a natureza original da estrutura. **“Esta muralha é originalmente em taipa”**, embora ao longo do tempo tenham sido feitos acrescentos em pedra, **“convencidos de que assim poderiam dar-lhe mais durabilidade”**, afirmou.

Por isso, acrescentou, a atual intervenção de consolidação acaba também por funcionar **“como ensaio para futuros trabalhos noutros troços da muralha”**. No caso de Alcácer do Sal, a taipa está ligada à própria história do castelo e ao reaproveitamento de materiais existentes no local.

“A taipa fazia-se com a terra que estava no local”, explicou Miguel Rocha, lembrando a proximidade ao antigo Fórum Romano de Alcácer do Sal e a incorporação de elementos romanos na construção da muralha. Exemplo disso é o elemento escultórico em mármore, associado a uma toga romana, encontrado durante a intervenção, que terá sido reaproveitado no enchimento da estrutura da torre da muralha, explicou à Lusa o responsável da empresa Empatia Arqueologia, Conservação e Restauro, André Nascimento.

“Já temos autorização para que ele seja removido, como medida de salvaguarda”, após a consolidação das paredes e o posterior **“enchimento de pedra”**, esclareceu o também arqueólogo, revelando que também já foram encontrados **“fragmentos cerâmicos de vários períodos cronológicos”**.

Para esta obra, os responsáveis misturam terra humedecida com cal, para dar mais estabilidade à argila. A mistura é depois colocada em camadas dentro de caixas de madeira e compactada até ganhar resistência. **“Se for feito como deve ser, é um processo com tantos ou mais benefícios que a construção convencional hoje em dia”**, defendeu Miguel Rocha.

A especificidade da técnica torna é a intervenção mais exigente do ponto de vista da mão de obra, partilhou com a Lusa Rafael Lopes, responsável pela execução dos trabalhos. **“É muito difícil arranjar trabalhadores. Quando temos um projeto deste tipo, formamos equipas de trabalho, porque quase ninguém tem conhecimento suficiente”** da técnica, reconheceu.

Além da consolidação da muralha, a drenagem das águas superficiais é uma das principais preocupações da empreitada, sobretudo por se tratar de uma zona baixa do castelo, para onde as águas escorrem. **“Esta é a zona mais baixa de todo o castelo. Era muito importante fazer aqui também um tratamento do ponto de vista das drenagens”**, afirmou igualmente durante a visita Albertina Rodrigues, engenheira civil do Património Cultural, responsável pelo acompanhamento da obra.

Quando a intervenção estiver concluída, estas especificidades do trabalho técnico deverão passar despercebidas ao olhar dos visitantes do castelo. Mas, para Miguel Rocha, esse é também um dos sinais da conservação patrimonial: **“A primeira coisa que [o público] não vai notar é a dedicação técnica de algumas pessoas”** neste projeto.

Durante cerca de duas semanas, a intervenção esteve suspensa devido ao mau tempo no início do ano, revelaram responsáveis. **“Não houve danos na nossa obra [e], na nossa muralha, não se verificaram danos”**, disse à agência Lusa Albertina Rodrigues, engenheira civil do Património Cultural – Instituto Público (IP) e responsável pelo acompanhamento desta empreitada.

A suspensão temporária, indicou, serviu para avaliar eventuais

riscos associados à encosta do castelo e verificar se as vibrações dos trabalhos de recuperação poderiam ter impacto na estabilidade da zona. ***“A obra teve de ser parada durante duas semanas, mais por precaução, para se perceber se havia perigo de eventuais vibrações para o deslizamento da encosta ou se o deslizamento da encosta poderia provocar algo na nossa muralha”***, esclareceu.

Segundo Albertina Rodrigues, após a realização de um parecer geotécnico, concluiu-se ***“que não havia relação”*** entre a obra e os efeitos provocados pelo mau tempo, tendo os trabalhos sido retomados. ***“Continuamos a registar se, na base da muralha, há alguma alteração de semana a semana, mas até agora está tudo bem”***, indicou a engenheira civil, que acompanhou a Lusa numa visita aos trabalhos em curso neste monumento da cidade alentejana.

OC/LUSA/MP